



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 1
jan-abr.2024
p. 186-209

Taylor Mason e possibilidades de representação: a introdução da não binariedade na série *Billions*

(Taylor Mason and possibilities of representation: the introduction of non-binarity in *Billions*)

(Taylor Mason y las posibilidades de representación: la introducción de la no binaridad en *Billions*)

Natália Ferreira Schreiner¹
Adriane Roso²
Larissa Goya Pierry³
Daniela Porto Giacomelli⁴

RESUMO: A expressão de gênero não binária refere-se às pessoas transgêneras que não se identificam com o gênero designado ao nascer e nem como integrantes das categorias homem e mulher, parcial ou totalmente, sendo termo guarda-chuva que contempla outras categorias de gênero. Consideramos as mídias como veículos de (re)produção de representações sociais sobre a população LGBTQIA+ e que a primeira personagem não binária na grande mídia foi Taylor Mason, da série *Billions*. Sob a perspectiva da Psicologia Social Crítica, da Teoria das Representações Sociais, dos Estudos de Gênero e do Feminismo Interseccional, objetivamos explorar as relações entre as personagens diante da introdução de Taylor. Especificamente, analisar como se dá a narrativa de gênero na série. Concluímos que *Billions* apresenta possibilidades de ancoragem e objetivação para construção de representações sobre não binariedade e que esta é tratada com espontaneidade, dando importância à personagem para além das questões de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Não binariedade; Pessoas Transgênero; Mídia; Representações sociais.

Abstract: The non-binary gender expression refers to transgender people who do not identify with the gender assigned at birth or as part of the male and female categories, partially or fully, being an umbrella term that includes other gender categories. We consider the media as vehicles for (re)production of social representations about the LGBTQIA+ population and that the first non-binary character in mainstream media was Taylor Mason, from the *Billions* series. From the perspective of Critical Social Psychology, Theory of Social Representations, Gender Studies and Intersectional Feminism, we aim to explore the relationships between the characters in view of Taylor's introduction. Specifically, to analyze how the gender narrative takes place in the series. We conclude that *Billions* presents possibilities of anchoring and objectification for the construction of representations about non-binarity and that it is treated with spontaneity, giving importance to the character beyond gender issues.

Keywords: Non-binary; Transgender Persons; Media; Social representations.

Resumen: Expresión de género no binaria se refiere a personas transgénero que no se identifican con género asignado al nacer o como parte de las categorías masculina y femenina, parcial o totalmente, siendo un término que incluye otras categorías de género. Consideramos los medios de comunicación como vehículos de (re)producción de representaciones sociales sobre la población LGBTQIA+ y que el primer personaje no binario en los medios de comunicación fue Taylor Mason, de *Billions*. Desde la perspectiva de Psicología Social Crítica, Teoría de las Representaciones Sociales, Estudios de Género y Feminismo Interseccional, explorar las relaciones entre los personajes a luz de la introducción de Taylor. Especificamente, analizar cómo es la narrativa de género en la serie. Concluimos que *Billions* presenta posibilidades de anclaje y objetivação para la construcción de representaciones sobre la no binariedad y que es tratada con espontaneidad, dando importancia al personaje más allá del género.

Palabras-Clave: No binario; Personas transgénero; Medios de comunicación; Representaciones sociales.

1 Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: natalia.schreiner@outlook.com.

2 Professora no departamento de Psicologia / Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: adriane.roso@ufsm.br

3 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: larissapierry@gmail.com

4 Mestra em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: daniela.giacomelli@ufsm.acad.br



1 Introdução

Compreendemos, neste estudo, que a expressão de gênero não binária se refere às pessoas transgêneras que não se identificam com o gênero designado ao nascer e nem como integrantes das categorias homem e mulher, parcial ou totalmente, sendo um termo guarda-chuva que contempla outras categorias de gênero. A série *Billions* (2016), disponível na Netflix, foi a primeira a trazer uma personagem não binária ao público, dentro de uma rede de *streaming* produtora de conteúdo *mainstream*, associada a conteúdos veiculados pelas grandes mídias hegemônicas (Lannes, 2017).

Billions (2016) é uma série de TV estadunidense, criada por Brian Koppelman, David Levien e Andrew Ross Sorkin. Estreou em janeiro de 2016, estando em 2023 em sua sétima temporada. Ao olharmos para a representatividade da comunidade LGBTQIA+ nas mídias, ficam explícitos os motivos da necessidade de mais conteúdos produzidos sobre pessoas não binárias. Entendemos que quantidade não é qualidade, entretanto, a (quase) ausência de narrativas não binárias nas mídias é indicativo de que se está invisibilizando essas expressões de gênero. O que reforça, conforme Romanini e Roso (2018), que isso se deve ao fato de que as grandes mídias são um importante dispositivo responsável pela construção e disseminação de representações sociais.

De acordo com Bonoto e Brignol (2020, p. 118), entendemos que o termo “mídia” se refere ao “conjunto de veículos de comunicação impressos, radiofônicos e televisuais, assim como aos seus respectivos espaços no ambiente digital”. Ainda, os termos “grandes mídias” ou “mídia *mainstream*” dizem respeito àqueles veículos ou obras midiáticas cuja circulação é ampla e de maior alcance, seja em nível regional, nacional ou internacional. Desse modo, são importantes matrizes de representações sociais, ocupando um lugar central no processo de comunicação, de “mídiação” e de produção de modos de se relacionar nas sociedades modernas (Guareschi, 2000; Wurdig; Roso; Souza, 2022).

Atualmente, é difícil encontrarmos pessoas que não tenham acesso a nenhum tipo de conteúdo midiático, de uma forma ou de outra, já que, em casa ou nas ruas, temos acesso a diferentes informações que se espalham rapidamente por esses meios de comunicação. Essa é uma das muitas maneiras pelas quais conhecemos o mundo e criamos saberes sobre diferentes fenômenos, inclusive sobre gênero não binário. Para pensar sobre isso, podemos considerar a Teoria das Representações Sociais (TRS), que se refere aos modos de produção e compartilhamento de saberes sociais, como são construídos, transformam-se e impactam a vida cotidiana, de forma complexa e dinâmica.

As mídias, independentemente de seu formato, (re)produzem pautas de discussão sociais, salientam aquilo que deve ou não ser mostrado, colocado em evidência (Roso; Guareschi, 2007). Rocha, Neto e Doula (2021) apontam que muitos fenômenos não são experienciados por todas



as pessoas, mas podem ser conhecidos a partir daquilo que consomem por meio das mídias, construindo, a partir disso, representações sociais. Portanto, o que é exposto regularmente é conhecido, tendendo a ser lembrado e percebido como um fato da realidade, enquanto aquilo que não se vê torna-se inexistente, desconhecido, não familiar e estranho.

O termo “não binário” refere-se a um termo guarda-chuva, que pode ser entendido como a não identificação, total ou parcial, com os gêneros binários, ou seja, homem ou mulher. Não há uma unanimidade sobre a posição e pertencimento da pessoa não binária dentro de um dos dois grandes grupos (cis ou trans). Ainda que não seja consenso, para fins deste estudo, sustentamos a posição de que o não binário se situa dentro do espectro trans, já que há uma não identificação com o gênero designado ao nascimento, mesmo que parcialmente. A não binariedade está incluída na comunidade LGBTQIA+, sendo indicada através do símbolo “+”.

Cabe ressaltar que existem diferentes termos para se referir a expressões de gênero não binárias, tais como *gender-nonconforming* (em português: “gênero-divergente”) ou até mesmo “queer”, sendo que a autodeterminação de gênero deve ser tomada como primordial. A categoria “gênero-divergente” opera como uma expressão mais abrangente, que neste caso, pode abarcar a não binariedade, além de uma outra série de expressões e categorias, tais como: crossdressers, drag queens, drag kings, pessoas andróginas, pessoas intersex, em suma, qualquer expressão que não esteja de acordo com as normas hegemônicas e binárias de gênero.

Compreendemos o constructo “gênero” enquanto um conjunto de normas e discursos aos quais todos em uma determinada sociedade estão submetidos, aos quais é necessário responder de alguma forma (Butler, 2019). Gênero também pode ser tomado como uma “forma primeira de significar relações de poder” (Scott, 2019, p. 67), sendo fundamental realizar uma desnaturalização e desconstrução progressiva da oposição binária e hierárquica entre homem-mulher, já que isso possui efeitos sociais consideráveis, tais como violências, iniquidades e estigmatização, principalmente daqueles sujeitos que não se adequam, parcial ou totalmente, a esse modelo. Como o filósofo Paul Preciado (2015, p. 4) coloca: “gênero é algo que fazemos, não algo que somos, algo que fazemos juntos. Uma relação entre nós, não uma essência”.

Aqui é preciso trazer uma diferenciação conceitual, muito trabalhada pela Psicologia Social Crítica (PSC), que é a diferença entre poder e dominação. O poder, segundo Pedrinho Guareschi (2000), é uma qualidade e característica individual de cada pessoa, portanto, entendemos, subjetiva. Por outro lado, não se exerce poder sozinho, mas sempre em rede (Foucault, 2023b), numa horizontalidade, o que abre possibilidades para a resistência, a invenção e a criação de si e de mundos. Já a dominação implica um indivíduo ou um grupo de indivíduos que “detém o poder



de maneira estável, excluindo outros indivíduos ou grupos das decisões e das escolhas sobre suas próprias trajetórias” (Romanini; Roso, 2012, p. 84). Esta definição de dominação não aniquila a possibilidade de o poder engendrar transformações individuais, grupais e sociais, uma vez que na psicologia social não se assume os sujeitos como seres passivos, neutros e completamente manipuláveis.

Para pensar a desnaturalização e desconstrução do gênero, temos o conceito de cisgeneridade – utilizado pelos estudos trans e pelo transfeminismo –, uma categoria política e operador analítico que realiza uma denúncia da suposta naturalidade e normalidade das identidades cisgênero, apontando que tanto sexo quanto gênero são construções sociais com efeitos sobre os corpos (Nascimento, 2021). O termo “cisgênero” é explicado por Bagagli (2018) como oposto a “transgênero”: este faz referência a pessoas que não se identificam com o gênero atribuído compulsoriamente ao nascimento, de acordo com seu genital, enquanto aquele diz respeito à concordância entre sexo e gênero. Um ponto importante da definição de transgênero diz respeito à ampliação do conceito, apontar que nem todas as pessoas que estão em não conformidade com o gênero vão, necessariamente, se identificar enquanto trans, sendo importante levar em consideração a autodeterminação de gênero. Podemos perceber que, assim como “cis” e “trans”, os conceitos de “homem” e “mulher” funcionam como categorias binárias que reforçam uma noção de dualismo: como extremos em pontas opostas, o “zero e um” da lógica computacional, ou um ou outro.

À vista disso, sustentamos que o campo das representações sociais, enquanto fenômeno e teoria, está diretamente relacionado com as relações de gênero e sexualidade, já que ambas admitem a presença e coexistência de paradoxos e ambiguidades nos discursos, havendo espaço para “contradição, fragmentação, negociação e debate” (Guareschi, 2000, p. 77). Ademais, existe como pano de fundo um mundo social compartilhado, uma realidade consensual que forma o conjunto de significados que uma determinada cultura partilha e negocia historicamente. Mas é justamente esse compartilhamento de saberes difusos e complexos, nesse jogo dinâmico de interação e trocas relacionais, que permite que as representações hegemônicas – aquelas que dizem de saberes compartilhados profundamente enraizados em uma determinada cultura e época histórica, dando a aparência de serem naturais e inquestionáveis (Salazar, 2007) – sobre um determinado objeto possam ser questionadas e transformadas ao longo do tempo.

Em relação às representações sobre gênero e sexualidade, as transformações pelas quais têm passado ao longo das últimas décadas, são, em parte, por atuação dos movimentos sociais feministas e LGBTQIA+ na sociedade, sendo que aquilo que há um tempo poderia ser considerado estranho, lentamente, vai ganhando espaço em alguns campos e se tornando mais familiar, inclusive, por



meio dos discursos e produções midiáticas, que contam histórias e, assim, vão construindo novos sentidos para esses fenômenos. Tendo em vista a popularização e presença dos movimentos sociais nas mídias contemporâneas, certas representações de gênero e sexualidade, consideradas restritas a um determinado grupo social, hoje recebem maior visibilidade, é o caso da não binariedade. Desta forma, temos como questão de pesquisa: que representações sociais podem estar associadas às expressões de gênero não binárias na mídia?

Os discursos que advêm de representações hegemônicas nas diferentes mídias possuem influências sobre a manutenção ou tensionamento de representações acerca de gênero e sexualidade, pois, como ressaltam Friederichs (2021) e Louro (2018), esses canais de comunicação funcionam enquanto pedagogias culturais, prescrevendo “pedagogias da sexualidade”, que ensinam certos modos de ser e de viver em sociedade, escancarando relações de poder. Por outro lado, é importante ressaltar que, para além da reprodução de expressões hegemônicas de gênero, as mídias também podem veicular imagens que as rompem ou deslocam, minimamente, oferecendo alternativas de estar no mundo, é o caso da série *Billions* (2016), ao apresentar uma pessoa não binária interpretando personagem também não binária.

Neste estudo, buscamos olhar para um universo midiático específico, assim como para a sua maneira de possibilitar a construção de representações sociais vinculadas à não binariedade. Assim, como objetivo geral, buscamos explorar algumas das relações entre personagens cisgêneros, da série estadunidense *Billions* (2016), atentando para as interações com Taylor Mason, personagem não binária, que se aponta historicamente como a primeira pessoa não binária a aparecer na grande mídia (Lannes, 2017). Como objetivo específico, buscamos analisar quais recursos são utilizados para destacar as narrativas de gênero na série (como ângulos de câmera, diálogos, cenário etc.).

O estudo possui relevância social e atualidade, ao explorar as representações sociais de pessoas não binárias em uma mídia televisiva seriada, ressaltando-se a importância de trazer à tona o debate sobre pessoas gênero-divergentes e não binárias dentro dos estudos de gênero. Cabe à psicologia discussões sobre gênero e sexualidade, bem como a responsabilidade de lidar com os sujeitos e grupos em suas pluralidades e diferenças, incluindo a não identificação com modelos binários específicos, assim como responsabilidade de levar em consideração “as demandas de sofrimento de grupos e sujeitos alvos de uma cultura homogênea e (cis)heteronormativa, facilitadora de práticas recorrentes de homofobia” (Lemos; Andrade; Cardoso, 2020, p. 315). Buscamos, dessa forma, contribuir com proposições críticas que sirvam à construção de espaços sociais menos violentos e mais democráticos, que proporcionem respeito e dignidade para diferentes vivências de gênero em nossa sociedade.



2 Método

Este estudo possui uma perspectiva qualitativa que, conforme Minayo (2016), busca observar aqueles fenômenos que não podem ser quantificados, visto que fazem parte de uma realidade social que é compartilhada e consensual, perpassada por aspectos ideológicos e culturais que são situados historicamente. Trata-se de uma pesquisa exploratória, que segundo Gil (2008), tem por objetivo fornecer um panorama amplo sobre um determinado tema, cuja exploração por meio de estudos científicos ainda é inicial, assim, almejando formular algumas aproximações teóricas e hipóteses para estudos futuros.

Guiaremos as análises conforme a perspectiva da Psicologia Social Crítica (PSC), que se constitui a partir de questionamentos e reflexões quanto à posição de psicologias tradicionais e/ou hegemônicas, a fim de buscar outras formas de construções do saber e da psicologia (Gruda, 2016), olhando para o que se faz explícito e implícito. Dentre as teorias críticas no campo da psicologia social, a Teoria das Representações Sociais (TRS) contribui para observar de que modo são construídos os sentidos acerca de determinados grupos sociais, suas relações, bem como quais agentes operam nas transformações de sentidos sobre um determinado tema, por exemplo, sobre questões de gênero e sexualidade.

Moscovici (2015) nos mostra que uma das funções das representações sociais é dar conta daquilo que é diferente, que é novo, transformando o não familiar em familiar. Existem dois principais processos pelos quais as representações sociais realizam essa operação: por meio da ancoragem, um processo por meio do qual atribuímos significado a um objeto, desse modo, é possível inseri-lo em uma categoria já existente e que temos familiaridade, que de alguma maneira seja semelhante a este novo fenômeno, tornando-o menos ameaçador. Já a objetivação envolve uma tradução, isto é, tornar o novo e desconhecido em algo real, concreto, para que saia do campo puramente imaginário e se torne, portanto, mais acessível e próximo, ligando-se a nossa realidade material e observável – isso pode se dar “simbolicamente por meio de metáforas e analogias ou materialmente, ligado a objetos e entidades” (Serrano, 2013, p. 67, tradução nossa).

A escolha pelos estudos de gênero se deu pela possibilidade que estes trazem de denunciar e problematizar as relações de poder e dominação que estão imbricadas nas relações de gênero, por vezes, tomadas como naturais e históricas. Ademais, entendendo que existem diferentes formas de feminismos, aqui consideramos aqueles que compreendem gênero como uma construção social, e que se utilizam da interseccionalidade como um de seus princípios. Conforme Akotirene (2019), a interseccionalidade considera a necessidade de pensarmos que as pessoas ocupam lugares sociais diferentes e, portanto, possuem experiências que partem e são influenciadas por esses lugares.



Intersecções como as de raça, gênero, sexualidade, classe ou nacionalidade fazem parte da nossa constituição individual e social, correspondendo a formas de opressão diversas, que operam sem hierarquias a partir dessas diferenças, de forma complexa e sobreposta.

Há relações possíveis a se estabelecer entre a perspectiva que utilizamos para guiar as análises, a Psicologia Social Crítica (PSC), e os referenciais teóricos, a Teoria das Representações Sociais (TRS) e os estudos de gênero, que justificam nossas escolhas. A PSC sinaliza que nenhum fato ou acontecimento é absoluto ou unívoco, possuem, no mínimo, duas versões, isso se dá por serem historicamente situados e interdependentes do contexto social e cultural, bem como de quem os enuncia (Guareschi, 2012). Da mesma forma, Angela Arruda (2019), autora feminista e estudiosa das representações sociais, realiza um diálogo entre os dois campos, identificando que tanto a TRS quanto o campo do gênero e da sexualidade realizam uma crítica da neutralidade, da objetividade positivista e do binarismo que se manifesta pela divisão entre sujeito e objeto, características da ciência tradicional, situando-as em uma dimensão contracultural.

Ressaltamos que a relevância do estudo se dá pelas aproximações realizadas entre a teoria das representações sociais (TRS), engendrada pelo psicólogo social romeno Serge Moscovici (2012) e os estudos de gênero, em especial, os que tratam sobre não binariedade. Ambas as perspectivas dialogam a partir de uma visão crítica da realidade, possibilitando a interrogação das naturalizações e hegemonias no campo da sexualidade humana e dos relacionamentos inter/intra grupais. Além disso, buscamos contribuir com um estudo sobre a não binariedade nos discursos midiáticos, levando em consideração a escassez de produções científicas sobre o tema, tanto na área da psicologia como das ciências humanas em geral (Lemos; Andrade; Cardoso, 2020).

Para a construção das informações a serem analisadas, todos os episódios da série *Billions* (2016) disponíveis até a quinta temporada foram assistidos (pois, no momento da pesquisa outras temporadas ainda não haviam sido lançadas) e, depois, houve a seleção dos episódios. O primeiro (Gerenciamento [...], 2017) e segundo episódio (Voo [...], 2017) da segunda temporada se tornaram os escolhidos por mostrarem a introdução e a apresentação de uma personagem não binária na série: Taylor Mason. Consideramos que é nesse momento que se faz mais visível a reação de outras personagens a essa primeira aparição. Assim, é possível ter uma perspectiva inicial sobre as primeiras representações construídas sobre Taylor em sua introdução na série, e responder aos objetivos propostos neste estudo.

Os episódios foram assistidos novamente no idioma original, já com o foco nas cenas envolvendo Taylor, com registros de impressões e comentários, assim como a transcrição dos diálogos considerados. Pensamos que nossas análises poderiam ser diferentes se tivéssemos optado



por assistir à série com dublagem em português, em função da tradução. No entanto, optamos por priorizar o idioma do país de produção da série (inglês), a fim de valorizar a proposta original produzida naquele contexto. Importante ressaltar também que os trechos de diálogos reproduzidos aqui são retirados das legendas em português fornecidas pela Netflix. As cenas a serem analisadas foram transcritas para auxiliar na percepção de detalhes. Esse processo se repetiu algumas vezes até chegar a uma seleção mais específica do conteúdo a ser, por fim, discutido. Ademais, na análise, alguns elementos visuais foram descritos com intuito de não violar os direitos autorais de imagem da série.

Considerando que as representações estão associadas ao seu contexto de produção e são situadas historicamente, é importante pensar que elas não irão falar sobre todas as pessoas não binárias, já que não se trata de um grupo homogêneo, e neste caso nos mostrará algo singular das representações dessa personagem em seu contexto. Após situar a série e as personagens envolvidas, construiremos uma análise de algumas cenas do primeiro e do segundo episódio da segunda temporada. Essa análise é uma exploração de alguns elementos do roteiro linguístico e visual que podem nos dar pistas sobre algumas das possíveis representações desta categoria gênero-divergente.

3 Contextualizando a série *Billions*

A trama principal da série *Billions* (2016) conta a história de Bobby “Axe” Axelrod (Damian Lewis), um gigante do mundo dos investimentos na busca de mais riqueza, em seu embate com Chuck Rhoades (Paul Giamatti), promotor-chefe do distrito de Nova York, que tenta provar as manobras ilegais de Axe nas finanças. Até o momento da finalização deste trabalho e da análise das cenas citadas – janeiro de 2023 – 73 episódios haviam ido ao ar, cada um possuindo de 54 a 60 minutos de duração. A série possui classificação etária de 16 anos por conter linguagem imprópria, sexo e drogas.

Silva (2014) sugere uma “cultura das séries” e elenca alguns motivos para a popularização delas, dentre eles, a complexidade do roteiro que permite a fuga dos clichês que Hollywood tende a reproduzir nos filmes todos os anos; e a migração de vários diretores famosos do cinema para o mundo das séries. A singularidade das produções, enquanto marcas de expressão artística, propõe novidades enquanto um modo de se destacar na competitiva indústria midiática, sendo, desta forma, um “fenômeno social”, como sinalizam Vasques-Ferreira e Magalhães-Costa (2018).

Em adição ao “comportamento padrão” da era digital de acompanhar pela internet os conteúdos extras, *trailers*, materiais exclusivos – muitas vezes oferecidos pelas próprias



produtoras e canais para aumentar o engajamento –, incluindo o tipo de conteúdo que consome. O telespectador termina de assistir ao episódio da série, mas continua interagindo com ela, encontra pessoas que também assistem e produzem conhecimento sobre, especula sobre a trama com seus pares, pesquisa o elenco nas redes sociais, faz campanhas para renovar mais uma temporada. Esse contexto, ao criar valores em comum que são compartilhados entre um grupo, (re)produz e dissemina representações, podendo ditar comportamentos e (re)afirmar identidades (Silva, 2014; Vasques-Ferreira; Magalhães-Costa, 2018). Vale mencionar também que, com os algoritmos que podem identificar padrões individuais de consumo, é possível criar nichos de consumidores em potencial. Com a crescente presença de espaços LGBTQIA+ *on-line*, é bem possível que se tenha identificado uma demanda por novos conteúdos.

Nos últimos anos, diferentes lutas e movimentos sociais ganharam destaque, incluindo aqueles ligados às diferentes expressões sexuais e de gênero, alcançando alguma representatividade nas mídias. A própria atualização da sigla LGBT para LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexuais e outras orientações/expressões de gênero e sexualidade) reflete esse crescimento, ao mesmo tempo em que somos convidadas(os) a pensar sobre a dificuldade que temos, tanto em compreender e tornar visíveis os vários rótulos, que se fazem necessários em um sistema que exige “caixas” específicas, quanto em incluir o movimento na nossa linguagem do dia a dia. Cabe lembrar que essa maior visibilidade também veio acompanhada de muito estranhamento por aqueles que até então, de certa forma, desconheciam esses fenômenos, mas se depararam com eles muitas vezes por meio do processo de mediação.

Ainda, no que tange à constituição e propagação de novos termos para se referir às expressões de gênero não binárias, muitos deles têm origem na língua inglesa, mais especificamente dos Estados Unidos da América, portanto, seus significados estão associados a este contexto. Nem sempre é possível transpor para o português a realidade simbólica desses conceitos de forma exata, mas considerando que as palavras têm vida, elas se transformam, sendo dinâmicas e admitindo novas formas de compreensão a partir do contexto no qual circulam. Ou seja, quando esses conceitos chegam ao Brasil, já estão em transformação, sendo adequados para nosso contexto e realidade particular.

Segundo Serrano (2013), o estudo e análise das representações sociais de uma determinada cultura, nos auxilia a tornar visíveis os discursos produzidos sobre gênero e sexualidade – proferidos por diversos atores sociais – para que os componentes desse sistema de normas “não sejam vistos como inevitáveis, e para encontrar formas de transformá-los” (Serrano, 2013, p. 68). Dessa forma, podemos perceber a constante modificação pela qual as normas e ideias sobre gênero e sexualidade



passam ao longo do tempo, em um processo complexo, permeado por ambiguidades e tensões, por meio do qual as novas representações coexistem com as antigas e se transformam mutuamente.

Diante do exposto, apesar dos progressos, grande parte das produções sobre gênero, corpos e sexualidades que circulam nas grandes mídias, de modo geral, vem de um contexto normativo, como salienta Miskolci (2017), a visibilidade nas mídias não necessariamente representa mudanças nas representações hegemônicas sobre gênero e sexualidade no nível social mais amplo. Até mesmo produções consideradas inovadoras ou ousadas em seu modo de retratar tópicos considerados sensíveis estão levando em conta a aceitação pelo público geral, por consequência, isso faz com que as escolhas para os elencos e personagens ainda sigam um padrão hegemônico, o que está em consonância com os resultados encontrados por Bonoto e Brignol (2020), acerca da sub-representatividade e invisibilização da comunidade LGBTQIA+ nas mídias.

Destacamos que ao nos referirmos a personagem Taylor, utilizaremos uma linguagem neutra não binária, mas ressaltamos que não há consenso em como empregar tal linguagem, pois não há nenhuma forma oficial nas atuais normas da língua portuguesa. Segundo Moura (2021), ao mesmo tempo em que reivindicações por pronomes neutros e linguagem inclusiva de gênero são importantes para incluir sujeitos que se encontram à margem do sistema binário de gênero, essas mudanças são controversas pois exigiriam inclusões de novos termos que hoje ainda não existem oficialmente na língua portuguesa. Assim, utilizamos a forma mais comumente empregada, substituindo os morfemas genericados “a” e “o” aos finais dos substantivos, assim como utilizando os pronomes “elu/delu” para nos referirmos à personagem.

Neste momento, nosso foco estará nas cenas em que os seguintes personagens estão envolvidos: (a) Taylor Mason, interpretada por Asia Kate Dillon, igualmente de gênero não binário, é uma pessoa branca, magra, de olhos azuis, cabelo raspado e seu nome pode ser atribuído a qualquer um dos gêneros, sendo considerado na língua inglesa como neutro; (b) Dudley Mafee, interpretado por Dan Soder, é um homem cisgênero branco, alto, de olhos azuis, cabelo castanho liso e curto que trabalha na empresa de Axe como *trader* (investidor do mercado financeiro), seu nome remete à dinheiro, pois a palavra “*fee*” em inglês significa taxa; (c) Bobby Axelrod, interpretado por Damian Lewis, é um homem cisgênero branco, alto, de olhos claros, cabelo ruivo liso e curto, dono da empresa Axe Capital; (d) Stephanie Reed, interpretada por Shaunette Renée Wilson, é uma mulher negra cisgênero, de olhos castanhos escuros e cabelo crespo curto.

4 Familiarizando-se com a pessoa não binária

Considerando que personagens não binárias são incomuns nas séries, é possível que ocorra



um estranhamento frente a essas novas expressões. Para que a não binariedade se torne familiar – e assim seja possível construir representações sociais a seu respeito – é necessário que possamos ancorá-la em fenômenos que nos são conhecidos. Nas primeiras aparições de Taylor na série, é possível observar algumas tentativas de ancoragem que surgem para lidar com o desconforto que emerge de sua aparência não familiar. Diante disso, nos perguntamos, como esse estranhamento acontece e de que forma as relações vão se modificando ao longo do enredo?

No primeiro episódio da segunda temporada, cujo título é “Gerenciamento de Risco” (2017), aos 34 minutos decorridos da série, vemos Mafee (à direita da cena) em conversa com uma pessoa (à esquerda da cena) que até então é desconhecida por não ter aparecido anteriormente em nenhum episódio. Ambos estão sentados compartilhando a tela do mesmo computador que está na mesa em frente a eles. Na mesa, há computador e luminárias, sem outros objetos decorativos. Ao redor da cena, na mesma sala, há outras mesas com computadores e outras pessoas trabalhando (homens e mulheres), todos estão focados em suas tarefas sem parecer dar atenção aos personagens em foco na cena. O ângulo da câmera permite que a pessoa seja vista apenas da cintura para cima, sendo uma pessoa branca que veste uma camisa de mangas longas abotoada até o pescoço, com estampa xadrez em tons de cinza e azul, junto a uma gravata da cor cinza, possui cabelo curto ao estilo raspado. Mafee, também visto apenas da cintura para cima, está atrás da mesa, veste uma camisa de mangas longas na cor azul escura, abotoada até a altura do peito, por baixo pode se ver uma outra blusa de tom escuro, também usa um relógio de cor preta no pulso esquerdo.

O ângulo da câmera nos convida a reparar nessa pessoa – que se coloca em segundo plano – até então desconhecida aos espectadores, de postura ereta, até então seguindo um código padrão de vestimenta associado à masculinidade, camisa social e gravata, além de ter a cabeça raspada. A pessoa também aparenta ter um rosto com traços delicados, associados socialmente à feminilidade, apesar disso, nenhum dos dois indicativos visíveis citados são suficientes para se afirmar que ela é pertencente a um gênero ou a outro. Entretanto, os poucos segundos, até que o foco se mova para o rosto de Mafee, são suficientes para que a sensação de estranhamento se estabeleça para os espectadores, em relação às duas personagens, percebe-se que algo ali não é familiar, que já pode provocar dúvida no espectador, embora não se possa dizer o que causa essa impressão nesse primeiro momento. O tempo é apenas o bastante para que se registre uma diferença e uma inquietação, mas é necessário acompanhar o diálogo.

Para pensar sobre essa cena, recorreremos às ideias da filósofa Judith Butler (2015), que, em sua obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, fala sobre as “matrizes de inteligibilidade de gênero”, que seriam manifestações do binarismo de gênero e heteronormatividade



da cultura, a partir das quais reconheceríamos com mais facilidade aquelas expressões de gênero que possuem uma continuidade e coerência entre sexo-gênero-prática sexual-desejo, atribuindo a elas naturalidade e normalidade, enquanto expressões que apresentam alguma disparidade quanto a esse sistema, seriam gêneros estranhos, anormais, falsos. No entanto, como a própria autora aponta, sempre há algo que escapa às categorias instituídas e culturalmente inteligíveis de “homens” e “mulheres”, sendo que podemos pensar nas pessoas gênero-divergentes enquanto expressões de gênero que subvertem a norma.

Percebemos que Mafee está explicando uma operação e as dificuldades que encontra, enquanto a câmera foca somente nele. Em seguida, se move para o rosto da outra pessoa. Independentemente do que possa ser assumido ou não ao ouvir a voz pela primeira vez, dá indícios de se tratar de uma pessoa não binária, com base na aparência. Desta vez, o ângulo da câmera a coloca em evidência, em um jogo de alternância entre os rostos de ambos durante a conversa. O tom e a complexidade do assunto sugerem que Mafee está se posicionando de igual para igual, como alguém que respeita o conhecimento desta pessoa desconhecida, o que sugere ser alguém de importância. A curiosidade aumenta: quem é? Quais relações se estabelecem? Há relações de poder ou dominação ali?

Diante do exposto, faz-se importante retomar as elaborações de Michel Foucault (2023a, 2023b) em sua teoria sobre o poder, segundo a qual este se apresenta não enquanto uma essência ou objeto localizáveis, mas por meio de práticas, discursos e relações, formando uma rede da qual ninguém escapa. Todavia, “a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência” (Foucault, 2023b, p. 360), isto é, há modos de agenciamento perante as estruturas hegemônicas de gênero e sexualidade que podem ir na contramão de normas binárias e rígidas, criando outros caminhos e perspectivas de expressão, no intuito de “repensar as possibilidades subversivas da sexualidade e da identidade nos próprios termos do poder” (Butler, 2015, p. 65).

A pessoa desconhecida se apresenta cética quanto ao método do *trader* e parece não ter problema nenhum em dizer que a estratégia dele não é eficiente. Observamos que é alguém que não tem problemas em questionar hierarquias. Sua postura segura e confiante ao apontar uma estratégia melhor demonstra uma postura que desafia relações de poder, já que Mafee não é mais um novato na empresa. Diante da solução, vemos ele reconhecendo que precisa da pessoa ali, depois que o estágio acabar, pois sem ela seu desempenho não é satisfatório. Uma sugestão de sorriso contido aparenta satisfação com tal reconhecimento, mas, por algum motivo ainda desconhecido, a proposta não parece receber aprovação imediata ou entusiasmo por parte da pessoa estagiária.



Nenhum trabalhador da empresa “Axe Capital” que conhecemos até agora reagiria assim, já que se trata de uma vaga de emprego cobiçada. O fato de este adotar uma postura diferente, talvez nos indique se tratar de uma pessoa que não necessariamente segue regras estabelecidas. O pareamento horizontal com Mafee, que se mostra como um homem sensível, por vezes ingênuo, movido pelo senso de fazer a coisa certa, de um ponto de vista ético, pode provocar uma sensação ambígua: fica claro que eles já se conhecem e estabeleceram uma relação de confiança no trabalho; portanto, devemos seguir os instintos de Mafee e buscar aceitar essa pessoa logo de cara, ou desconfiar que ele está sendo manipulado por seu bom coração?

A conversa inicial é interrompida com a chegada do almoço: “Eu pedi comida para você”, diz Mafee. Ao perceber que o prato para a pessoa estagiária era vegano, ele é questionado sobre os motivos pelos quais ele supôs tal dieta. Entre brincadeiras (e verdades) sobre seguir o veganismo, é possível fazer inferências sobre alinhamentos ideológicos, como opressões e comportamentos considerados “alternativos”, por parte de minorias. Minorias aqui entendidas não como contingentes numericamente menores, mas como grupos com “objetivos ético-políticos contra hegemônicos” (Hernández; Accorssi, 2017, p. 385), o que os coloca à margem de processos sociais. A resposta à suposição “Claro que eu sou *vegan*” no contexto do diálogo, convida o espectador a confirmar suas suspeitas sobre as representações que o permeiam, tanto positivas quanto negativas, gerando um “nó polêmico”, conforme estudo de Rosa, Bocci e Portini (2019, p. 2129). Ao mesmo tempo em que Mafee supõe o veganismo deste indivíduo, colocando essa prática num polo aparentemente positivo, ele parece ancorar esta prática a uma representação do que é diferente, divergente.

Considerando que as representações sociais são relacionais, socialmente compartilhadas e, portanto, contextuais (Moscovici, 2015), pensamos ser importante que se considere que o que está sendo sugestionado depende das representações sociais que chegam a cada um, de acordo com os contextos culturais em que se encontram. Assim, as representações sociais estão relacionadas ao conhecimento de um determinado grupo e seu contexto, sendo um saber estruturado de acordo com a realidade das pessoas do grupo (Nogueira; Di Grillo, 2020; Sousa; Souza, 2021). Dentro das funções das representações sociais, observamos o movimento de ancoragem quando Mafee se apoia em um saber sobre o veganismo (percebido como algo que foge do esperado) para tornar familiar aquilo que inicialmente é estranho – uma pessoa não binária. Como ela não seria vegana, sob essas condições, com uma aparência intencionalmente diferente de todos ali presentes e que diverge das nossas representações binárias sobre homens e mulheres? E, no fim das contas, era mesmo. Simultaneamente, o processo de objetivação e ancoragem entra em ação, ao atribuir uma característica já conhecida (fazendo a ancoragem), como o veganismo, que pode ser observada no



plano material e visível com práticas pré-definidas e, portanto, determinar comportamentos no real (objetivando), tornando aquilo que é inicialmente estranho um pouco mais familiar.

Mafee, fazendo jus ao seu temperamento apresentado até então, se coloca como uma pessoa preocupada em compreender o funcionamento do outro. Chateia-se ao pensar que teria feito uma presunção errada, e depois visivelmente relaxa quando percebe que era só uma brincadeira. Da mesma forma, não foram utilizados nome ou pronome em momento algum, o que faz o espectador alimentar suas curiosidades, questionamentos e, quem sabe, suportar seu desconforto até obter algumas respostas sobre a expressão de gênero desta nova personagem.

Um aspecto relevante sob olhares feministas é observar que é Mafee, o homem, quem pede comida pela outra personagem, sem inquirir se deseja almoçar e muito menos o que deseja comer. Aqui observa-se a manutenção de um padrão hierárquico típico de sociedades patriarcais, quando é costume os homens assumirem a posição “ativa”, de decisão. Por realizar essa ação diante de uma pessoa não binária, Mafee assume que aqueles que ocupam a posição de homem sempre estarão no topo das hierarquias, independentemente se estão diante do “novo” (não binário) ou “familiar/velho” (feminino). Ao mesmo tempo, no processo de ancoragem, ancora-se o lugar social de alguém não binário ao que já se conhece, ou seja, à posição das mulheres enquanto submissas e inferiores aos homens.

Na sequência, Mafee pensa em como convencer a pessoa estagiária a permanecer na empresa. Em diálogo, ambos chegam ao consenso de que a estratégia de convencimento padrão utilizada com homens (diversão regada a dinheiro, com mulheres seminuas) não vai funcionar nesse caso. Portanto, há indícios de que essa pessoa não seria um homem com quem essa estratégia funcionaria *a priori*, mas também não seria uma mulher, caso contrário Mafee não teria nem mesmo pensado nessa proposta, colocando outro reforço de que se trata de alguém gênero-divergente, sendo que esta cena marca a introdução da personagem não binária, Taylor Mason. Ao questionar diretamente o que fazer para manter a pessoa trabalhando ali, a resposta “Você meio que não pode” de Taylor, sugere que é alguém que toma suas próprias decisões, indo na contramão do esperado por Mafee, e seguindo suas próprias regras. Há aqui uma contradição em relação ao movimento de ancoragem inicial de Mafee, pois em um primeiro momento ele pode tomar uma decisão em nome de Taylor (pedir o almoço vegano), mas agora essa ancoragem, em parte, perde o lugar que ganhou inicialmente. Novamente o não familiar que havia se tornado um pouco mais familiar causa um novo estranhamento. Assim, podemos observar como a construção de representações sociais é dinâmica e está em constante transformação.

No episódio seguinte, intitulado “Voo da Galinha” (2017), um pouco depois da marca dos



8 minutos, vemos Mafee e Axe, o dono da empresa e personagem principal, em uma conversa em seu escritório. O *trader* explica uma estratégia, quando Axe percebe que a ideia não surgiu dele e ordena que tragam quem a teve. Importante destacar que foi presumido que fosse um homem “Então traga ele aqui”. A cena corta para a perspectiva da pessoa gênero-divergente, a caminho do escritório, como se nos sinalizasse uma atenção extra. A pessoa apresenta-se. Taylor, pronomes “*they/them*” (em português, como indicado anteriormente, um equivalente aproximado – mas sem consenso em relação a linguagem neutra no português – seria “*elu/delu*”).

Axe, com a mesma expressão de antes, dá levemente de ombros e diz apenas “ok”. Como se estivéssemos assistindo uma partida de pingue-pongue, vemos ele e Taylor em uma sucessiva troca de informações, construindo um raciocínio complexo a partir da combinação do que ambos sabem. O tom da troca parece um teste mútuo, com *elu* não se intimidando perante o poder do chefe. Quando Taylor aponta o próximo passo, Axe age como um mentor e diz o que mais é necessário fazer, simultaneamente um reforço pelo bom desempenho e uma demonstração de experiência e poder. A partir de uma perspectiva feminista, podemos apontar que é esperado, da parte de Axe, que este se coloque nesta posição dominante, mas não da parte de Taylor. Ao sair do escritório, a câmera foca em Axe e em sua expressão impressionada, que novamente poderia ser lido como se ele não estivesse esperando ter sua demonstração de poder desafiada ou nivelada.

Axelrod é tido como astuto e inteligente, ascendendo de uma infância pobre até o topo de forma autodidata, e cabe pensar que sua posição enquanto homem branco, cisgênero e heterossexual alavancou o processo, colocando-o, em termos interseccionais, em um lugar com acesso a vantagens históricas e estruturais. É conhecido por sua obsessão em sair vencedor de todas as situações e agir duramente com seus funcionários para obter isso, além de ser extremamente vingativo com quem não é leal a ele. Sabendo dessas informações, a interação anterior se torna ainda mais interessante: ele é dificilmente impressionável, e muito raramente dedica sua atenção completa a algum subordinado.

Aos 21 minutos do mesmo episódio, uma interação semelhante à anterior ocorre: novamente, Mafee é quem tenta falar primeiro, dizendo que ele tinha mais informações, e Axe responde “Não, traga sua melhor metade pra cá”, que só então sinaliza para Taylor entrar no escritório. E, novamente, ao sair, vemos uma troca silenciosa entre o dono e Stephanie Reed, a chefe de gabinete recém-contratada, em que ele levanta uma sobrancelha para ela e seu rosto estampa a mensagem: “*aí está alguém promissor*”.

Ao considerar questões interseccionais, cabe aqui, também, um olhar para raça ao pensarmos sobre a função da figura desta mulher negra em um ambiente tão branco, que a destaca,



ao mesmo tempo em que a invisibiliza perante Axe, aparecendo nos cantos ou em desfoque na maior parte das cenas. Apesar de este ser seu trabalho, que é analisar todas as interações entre ele e seus funcionários, abre brecha para reflexões acerca do tokenismo (Folter, 2020), pois, diferente de Taylor, Stephanie não se desenvolve enquanto personagem e, nos poucos momentos em que fala, são frases curtas que não oferecem muito sobre quem ela é. Segundo Folter (2020), o tokenismo pode ser entendido como uma forma que grupos, instituições ou até mesmo obras culturais têm de demonstrar visibilidade e inclusão de minorias, o que beneficia sua imagem ao criar uma sensação de diversidade e preocupação com desigualdades, no entanto, essa inclusão é limitada e pontual, não modificando realmente as estruturas ou direitos.

Uma cena de fundamental importância, alguns segundos após a marca de 36 minutos do segundo episódio, ocorre sem a presença de Taylor. Quando Dollar Bill, um outro *trader*, impressionado com os achados delu, pergunta a Axe e a seu superior, Wags, se “ela tinha conseguido essa informação do espaço”. O chefe imediatamente o corrige: “Não ela. Elu.” A reprimenda sobre o uso incorreto dos pronomes, ainda mais sem Taylor estar ali, dita um precedente importante. E ao ser feita por Axe, adiciona um peso ainda maior; sua seriedade é evidente, feita para atingir também o espectador. Tendo em vista a relevância da mídia na construção de representações sociais, e a importância das representações para guiar nossas práticas, essa ação de Axe apresenta ao público uma maneira de agir diante de relações com pessoas não binárias, ou seja, a importância de respeitar sua escolha de pronomes, nesse caso o pronome neutro.

Devemos considerar que essa fala veio da figura de um homem cisgênero, branco e com uma posição social e econômica mais elevada, assim, a série faz uso do lugar de privilégio social que ocupa a personagem. Conforme aponta Ribeiro (2021), quando alguém confronta as normas hegemonicamente impostas, como aquelas relacionadas a gênero ou raça, é provável que essa confrontação seja deslegitimada. Pois, como aponta a autora: “A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva, porque aí se está confrontando o poder.” (Ribeiro, 2021, p. 79). Sendo assim, questionamo-nos se essa correção feita a Dollar Bill viesse de Taylor, ou até mesmo de Stephanie, o impacto e a reação seriam os mesmos?

Salientamos que a série não explica aos espectadores o que seria uma pessoa não binária de forma explícita, isso é demonstrado por meio dos aspectos supracitados que podem produzir inquietações e dúvidas perante as cenas envolvendo Taylor Mason. Ressaltamos alguns deles que podem indicar características gênero-divergente: o nome Taylor, na língua inglesa, é unissex, da mesma forma como as roupas usadas pela personagem e a cabeça raspada. Porém, mesmo com



esses indicativos, não se pode ter certeza, já que contemporaneamente, limites de gênero em relação a roupas e estilos de cabelo para homens ou mulheres não são mais tão rígidos e demarcados, portanto, a expressão de gênero da personagem acaba produzindo “confusões de gênero”, que subvertem as normas hegemônicas, demarcando formas de resistência e agenciamento possíveis.

A partir disso, também podemos perceber, nas cenas em que Taylor aparece, que as personagens cisgênero que interagem com ele estão tentando se familiarizar com a divergência colocada diante de sua imagem não familiar. As representações sociais sobre não binariedade não estão fixadas dentro da série, pois elas estão se construindo enquanto as cenas acontecem, de modo que é possível acompanhar as personagens cisgêneros no processo de familiarização com a figura de Taylor juntamente ao espectador. Ainda que isso possa produzir algum nível de dúvida no espectador que não tenha informações sobre o que é uma pessoa não binária, e ultimamente representar, como Bonoto e Brignol (2020) argumentam, uma invisibilização e despolitização da não binariedade, por outro, talvez seja justamente o questionamento e a curiosidade perante a narrativa da série que leve os espectadores a ocuparem uma postura ativa, convocando-os a querer saber mais sobre essa personagem. Assim, pensamos que a escolha da série em não apresentar uma “pedagogia” sobre o que é a não binariedade seja justificada dentro do funcionamento do roteiro e das narrativas das personagens; dessa forma, Taylor não se reduz a sua sexualidade ou expressão de gênero.

Ao se aproximar o fim do episódio, no minuto 39, vemos a culminação das intensas interações entre os dois e o resultado positivo das ações de Taylor para a companhia, e neste momento Axe percebe que está sendo testado também. O curioso é vê-los interagindo quase como se não houvesse alguém fisicamente entre ambos. Pela primeira vez sem o acompanhamento de Stephanie, ele sai de seu escritório com Taylor em seu encaixo. Nota-se a diferença de ambiente em simultâneo com a mudança do tom da conversa, mais pessoal, à medida que vão para espaços cada vez mais abertos. O movimento do interno para o externo fomenta essa percepção de abertura.

Ele admite que estava buscando um momento em particular e logo após um corte, chegam ao fim do caminho: uma área externa do prédio. Axe insiste em convencer Taylor a trabalhar ali, enquanto ele parece hesitar, apresentar motivos para não fazer isso, e diz: “Não sei se você consegue entender, talvez por eu ser do jeito que sou, apenas respirar o ar aqui pode ser desconfortável” (Voo [...], 2017, 40 min 40 s) O chefe então parece mudar de estratégia, desta vez confirmando o que Taylor disse:

Não, você não pertence aqui. Você está fora de tudo. Às vezes você se pega olhando as pessoas como se elas fossem outra espécie. Então você se retira nas paredes do seu aquário, observando. Mas você não percebe, Taylor, o vidro não é uma barreira, é uma lente, uma habilidade. O que lhe torna bom. Você vê as coisas de um jeito diferente. Isso



é uma vantagem (Voo [...], 2017, 40 min 55 s)⁵.

Durante o discurso, vemos a expressão de Taylor se abrir pouco a pouco, o reconhecimento tomando conta de seus olhos. Eles fecham um acordo de contrato semanal. Axe, portanto, passou no teste: ele entendia. Assim, novamente, é importante notar que é o homem que está no topo do sistema de privilégios (branco, rico, cisgênero, heterossexual, sem deficiência visível, que também é o protagonista da série), que vem para validar e confirmar a experiência de Taylor enquanto pessoa não binária. Essa prática pode funcionar como uma forma de familiarização para o público, utilizando-se da função de ancoragem, ao ser explicada por uma pessoa que é mais facilmente compreendida pelo espectador e legitimada como “aquele que sabe”. Ao mesmo tempo, funciona como um ponto em favor de Axe para que seja mais adorado pelo público. Ou seja, a narrativa utiliza-se de uma figura já conhecida e legitimada para familiarizar-se e aceitar uma vivência diferente que foge das normas impostas por meio desta.

Os episódios seguintes da segunda temporada da série mantêm uma narrativa que aponta como Taylor é destoante naquele espaço, mantendo o discurso do desconhecido, do não familiar. Porém, Axe recompensa este fato porque elu acrescenta valor ao grupo e a sua empresa, agindo como um incentivador para que Taylor se encontre ali. O que parece acontecer, progressivamente ao longo da série, mas não será discutido neste trabalho. Nesta análise dos dois primeiros episódios da segunda temporada da série *Billions* (2016), nos quais acontecem a apresentação e primeiras interações de Taylor com outras personagens, buscamos observar e interpretar alguns pontos que consideramos importantes para responder aos objetivos, isto é, refletir sobre as interações da personagem não binária na série com personagens cisgênero, além de alguns aspectos, tais como: relação com outras personagens e alguns elementos cenográficos que indicam escolhas da série para apresentar a expressão de gênero não binária.

5 Considerações finais

É frequente, em produções sobre pessoas gênero-divergente, que haja representações ancoradas a padrões cis heteronormativos, ou trazendo uma visão “higienizada”. Ou seja, busca-se adequar suas vivências para que estas sejam enquadradas no que é socialmente esperado pelas normas hegemônicas. Além disso, é comum que se foque muito nas questões de conflito com o corpo, e por consequência, no sofrimento, como se fosse uma experiência universal no processo de aceitação – individual e/ou do meio – partindo de uma narrativa patologizante sobre essa população.

É encorajador que a série apresente Taylor com aparente tranquilidade e segurança sobre

5 Fala dita por Bobby Axelrod no segundo episódio da série.



sua expressão de gênero, quebrando o paradigma e a representação de que toda a experiência trans é, necessariamente, centrada na angústia e na dor. Isso abre espaço para que se torne uma personagem multifacetada e possua um desenvolvimento na série que não tem relação apenas com a não binariedade, não reduzindo elu à sua expressão de gênero. É uma discussão que vem ganhando força: é necessário que existam na TV, no cinema e em outras mídias, representações de pessoas trans e/ou não binárias. Acreditamos que este estilo de narrativa é o mais adequado para que consigamos incorporar essas questões ao nosso cotidiano, ou seja, tornar familiar aquilo que é não familiar, para além de uma pedagogia explícita que ensina conceitos de gênero de maneira caricata, faz sentido que a representatividade e a visibilidade se deem por meio da incorporação de narrativas de personagens interessantes e complexas às obras culturais.

Outro ponto importante é a identificação, ou seja, a possibilidade de visualização de novas possibilidades para si, especialmente para jovens, durante o processo de subjetivação. Ter novas referências de subjetividades à disposição torna viável que novos caminhos e modos de resistências sejam considerados, oferecendo novos pontos de ancoragem e objetivação, por exemplo, na figura de Taylor, o que dá espaço para a transformação de representações sociais sobre a não binariedade. Deriva dessa lógica a importância de se colocar em movimentos outras representações sociais, que possibilitem, minimamente, algumas rupturas em preconceitos, estigmas e violências de gênero.

Em futuros estudos, sugerimos identificar de que forma os estereótipos hegemônicos nas mídias reverberam nas pessoas não binárias do Brasil, com enfoque em um estudo de receptividade dos espectadores. Além disso, recomendamos que seja incluída a expressão de gênero não binária nas pesquisas sobre transgeneridade de modo geral, visto que muitas vezes elas contemplam apenas homens e mulheres trans.

Pensar sobre as relações de gênero ainda é um exercício constante, já que envolve a compreensão de como o poder se estabelece de acordo com o que os olhos veem e a sociedade interpreta. Maior visibilidade é uma necessidade das minorias, mas é preciso que esta visibilidade atue em favor delas. A representatividade (visibilidade e participação) é importante para que sejam pensadas políticas públicas igualitárias e para a garantia de direitos, além de aceitação e dignidade na esfera social. Sendo assim, a visibilidade midiática, quando positivamente executada, implica um processo de familiarização do que antes era desconhecido, e que pode auxiliar a romper, em alguma medida, o ciclo de ancoragem “estranhamento-medo-violência”. Assim, cabe continuar pensando na função da mídia para a perpetuação de certas representações sociais bem como para a construção de representações que fomentem vivências mais saudáveis e inclusivas.

Ainda, salientamos que durante a escrita do trabalho, nos questionamos se era possível e



praticável tentar modificar o uso de palavras de modo a não usar nenhum pronome para Taylor durante a primeira cena, já que nada havia sido dito nesse sentido. Apesar do êxito, exigiu uma vigilância enorme sobre o modo como poderíamos nos expressar: é um cuidado que mexe nas palavras enraizadas do nosso cotidiano, faz repensar o que está no automático, o que está naturalizado. Escancara o quanto a língua portuguesa é naturalmente generificada e fechada para qualquer termo que não seja binário, e tentar modificar isso é um esforço para sermos mais inclusivos. Entretanto, utilizar esta estratégia pareceu muito mais exaustivo do que utilizarmos um pronome neutro, o que justifica nossa escolha de empregar o “elu/delu”.

Pensamos que a necessidade de criar um pronome neutro, tal como “elu, ile, ilu” e tantos outros, pode surgir a partir das línguas que possuem tais recursos. Mesmo que não existam de modo formal no português, poderiam tornar a língua mais acessível, porque não alterariam a estrutura dela, salvo o contexto específico dos pronomes, e, portanto, parece ser o mais praticável para todos. Parte da resistência que se dá em relação aos novos pronomes pode estar vindo de raízes transfóbicas e cissexistas, afinal, a língua está a nosso favor, e não o contrário. Ela se atualiza e transforma de acordo com as necessidades da população que a utiliza e um bom exemplo são as gírias e *memes* que surgem constantemente. Historicamente, muitos termos e expressões entraram em desuso e outros os substituíram, e da mesma forma que tentamos eliminar e substituir expressões racistas ou capacitistas de nosso vocabulário, por exemplo, pensamos que para alcançarmos uma sociedade mais democrática e menos excludente, devemos lutar pela equidade de acordo com as necessidades de cada um, levando em consideração as interseccionalidades.

Por fim, compreendemos que não é possível dizer quais representações sociais sobre não binariedade a série de fato apresenta na introdução de Taylor Mason, pois elas estão ainda em construção enquanto assistimos às cenas. A própria ausência de personagens não binárias em produções midiáticas pode justificar essa dificuldade, assim como a amplitude do termo “não binário” e o próprio dissenso sobre o seu estatuto dentro da cisgeneridade ou transgeneridade. Apesar disso, percebemos que a série abre possibilidades para construção de representações sociais sobre não binariedade, visto que mostra o processo de ancoragem e objetivação das personagens em movimento perante esse novo fenômeno, a fim de tornar familiar o que é não familiar e, portanto, (re)criando representações sociais que permitem direcionar ações e interpretar essa realidade até então desconhecida. Ainda, não buscamos saturar os resultados e discussões sobre a série e a personagem Taylor Mason, entendendo que cada interpretação é singular, mas abrir alguns questionamentos sobre as normas hegemônicas de gênero e sexualidade e demarcar a importância da representatividade não binária nesta série.



Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

ARRUDA, Angela. Feminismo, gênero e representações sociais. *In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p.335-356.

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. “Cisgênero” nos discursos feministas: uma palavra “tão defendida; tão atacada; pouco entendida”. Campinas: Ed. UNICAMP, 2018.

BILLIONS. Criação: Brian Koppelman; David Levien; Andrew Ross Sorkin. Estados Unidos: Netflix, 2016-2023. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/80067290>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BONOTO, Carolina; BRIGNOL, Liliane Dutra. “É de confiar desconfiando”: tensões e conflitos entre o ativismo LGBT e a mídia. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 1, p. 116-130, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/28512>>. Acesso em: 01 dez 2021.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FOLTER, Regiane. O que é tokenismo? *Politize!*, Florianópolis, 14 jan 2020. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/tokenismo/>>. Acesso em: 14 dez. 2022.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023a. v. 1.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023b.

FRIEDERICHS, Marta. Feminilidade e Travestismo em um filme hollywoodiano da década de 1950. *Revista Diversidade e Educação*, v. 9, n. 1, p.405-427, 2021.

GERENCIAMENTO de Risco. Direção: Anna Boden, Ryan Fleck. *In: BILLIONS*. Criação: Brian Koppelman; David Levien; Andrew Ross Sorkin. Estados Unidos: Netflix, 2017. 2º temporada, 1º episódio. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/80067290>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.

GRUDA, Mateus Pranzetti Paul. Breves considerações, comentários e ideias acerca de uma Psicologia Social Crítica. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 11, n. 2, p. 514-526, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000200019>. Acesso em: 14 nov. 2021.



GUARESCHI, Pedrinho. *Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho. *Psicologia social crítica como prática de libertação*. 5. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

HERNÁNDEZ, Aline Reis Calvo; ACCORSSI, Aline; GUARESCHI, Pedrinho. Psicologia das Minorias Ativas: por uma Psicologia Política dissidente. *Psicologia política*, Florianópolis, v. 13, n. 27, p. 383-387, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2013000200012>. Acesso em: 17 nov. 2021.

LANNES, Paulo. Série “Billions” traz primeiro personagem sem gênero definido da TV. *Metrópolis*, Brasília, DF, 21 fev. 2017. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/serie-billions-traz-primeiro-personagem-sem-genero-definido-da-tv>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

LEMO, Patricia Mendes; ANDRADE, Anne Graça de Sousa; CARDOSO, Bianca Maria Lima. Subvertendo gênero: o lugar da não-binaridade numa análise discursiva de “blogs”. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, Salvador, v. 9, n. 3, p. 314-326, 2020. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/3132>>. Acesso em: 11 dez 2021.

LOURO, Guacira Lopes. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2016. (Série Manuais Acadêmicos).

MISKOLCI, Richard. *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MOSCOVICI, Serge. *Psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, 2012. (Coleção Psicologia Social).

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Coleção Psicologia Social).

MOURA, Jonathan Ribeiro Farias de. Língua(gem) e gênero neutro: uma perspectiva discursiva no português brasileiro. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 24, n. 47, p.146-163, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8660785>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NOGUEIRA, Karine; GRILLO, Marcelo di. Teoria das representações sociais: história, processos e abordagens. *Research, Society and Development*, Itabira, MG, v. 9, n. 9, p. 1-17, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6756>>. Acesso em: 19 nov. 2021.



PRECIADO, Paul Beatriz. *Transfeminismo*. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* São Paulo: Jandaíra, 2021.

ROCHA, Bianca Diniz da; NETO, José Ambrósio Ferreira; DOULA, Sheila Maria. O que a natureza vende? Representações de natureza na mídia. *Research, Society and Development*, Itabira, MG, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12261>>. Acesso em: 16 dez. 2021.

ROMANINI, Moises; ROSO, Adriane. Mídia e crack: promovendo saúde ou reforçando relações de dominação? *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 82-97, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/V4Kb6YBPjFGRmWDsSXz3nnh/?lang=pt>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

ROMANINI, Moises; ROSO, Adriane. Usuários de cocaína-crack e recepção de uma campanha televisiva antidrogas. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, DF, v. 34, p. 1-11, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/VLd8Hjk7k9Gt7BvSGgVB7kb/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

ROSA, Annamaria Silvana de; BOCCI, Elena; PORTINO, Luigi. Identikit of vegan and vegetarian's social representations and social eating practices through field study, traditional media and web2.0 user-generated content studies in four geo-cultural contexts. *In: INTERNATIONAL TECHNOLOGY, EDUCATION AND DEVELOPMENT CONFERENCE*, 13th. Valencia, 2019. Proceedings [...]. Valencia: IATED Academy, 2019. p. 2122-2131.

ROSO, Adriane; GUARESCHI, Pedrinho. Mega grupos midiáticos e poder: construção de subjetividades narcisistas. *Política & Trabalho*, João Pessoa, v. 26, p. 37-54, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/6767>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

SALAZAR, Tania Rodríguez. Sobre el estudio cualitativo de la estructura de las representaciones sociales. *In: SALAZAR, Tania Rodríguez; CURIEL, María de Lourdes García (coord.). Representaciones sociales: teoría e investigación*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2007, p. 157-188.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamentos feministas: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-82.

SERRANO, Serena Eréndira. The potential of social representations theory (SRT) for gender equitable research. *Acta Colombiana de psicología*, Bogotá, v. 16, n. 2, p. 63-70, 2013. Disponível em: <<https://actacolombianapsicologia.ucatolica.edu.co/article/view/180>>. Acesso em: 14 dez 2021.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. *Galaxia*, São Paulo, v. 27, p. 241-252, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/15810>>. Acesso em: 14 out. 2021.



SOUSA, Karine Nogueira de; SOUZA, Priscila Cristiane de. Representação Social: uma revisão teórica da abordagem. *Research, Society and Development*, Itabira, MG, v. 10, n. 6, p. 1-12, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15881>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

VASQUES-FERREIRA, Fernanda; MAGALHÃES-COSTA, Stephanie-Caroline. Séries e a cultura da convergência: uma análise do consumo transmidiático da série House of Cards. *Revista Mediterránea de Comunicación*, Alicánte, v. 9, n. 1, p. 273-289, 2018. Disponível em: <<https://www.mediterranea-comunicacion.org/article/view/2018-v9-n1-Cultura-da-convergencia-analise-do-consumo-transmidia>>. Acesso em: 06 dez. 2021.

VOO da Galinha. Direção: Reed Morano. *In*: BILLIONS. Criação: Brian Koppelman; David Levien; Andrew Ross Sorkin. Estados Unidos: Netflix, 2017. 2º temporada, 2º episódio. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/80067290>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

WURDIG, Karolina Kuhn; ROSO, Adriane Rubio; SOUZA, Janine Gudolle de. Cultura do estupro, ideologia e mídia: construindo estereótipos da “vítima ideal”. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, MG, v. 35, n. 1, p. 325–351, 2022. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/67116>>. Acesso em: 01 out. 2022.

